

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 3 / Julho / 88

"E HOJE É JÁ OUTRO DIA"

E hoje é já outro dia. Certo. Real. Grande.

Caminhou-se da expectativa, da aposta e da incerteza para a realidade do conseguido.

O Instituto Politécnico da Guarda tomou uma maior dimensão. Ganhou o seu espaço próprio; arrelgou-se no meio físico, social e intelectual; impôs-se como centro de saber, pensar e de fazer. O Instituto Politécnico da Guarda corresponde já às expectativas daqueles que o justificam - os estudantes. Por isso se tornou grande. Constatou-se hoje o amanhã que não tarda.

"Educação e Tecnologia" é hoje, no final de mais um ano lectivo - testemunho precioso de uma realidade pautada pela dinâmica que é também o apanágio desta Escola. E porque emerge do centro da vida do Instituto Politécnico da Guarda reflecte-a, naturalmente, também na sua autenticidade social e académica. Como espaço aberto, é dinâmica. Porque é dinâmica, é variada e polivalente. Pretendíamos que o fosse; sabemos que é. Estamos certos que continuará a sê-lo.

**"E outra vez conquistemos a distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa"**

(Fernando Pessoa)

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do I.P.G.

SILVANINHA

(Quatro versões de um Rimance Popular)

José Miguel Carreira Amarelo, Prof. da E.S.E.G.

1. - O ROMANCE E O ROMANCEIRO

Desde os primórdios que a palavra e a música constituíram uma aliança irrevogável, a ponto de muitas mitologias antigas considerarem o canto como a gênese do mundo. Talvez, por isso, quer a designação genérica de *poesia lírica*, quer a específica de *Canção*, *Cançoneta*, *Cantiga*, *Cantata*, *Cântico*, *Ode*, *Hino*, ou *Soneto* pretendam identificar uma composição poética que deve ser cantada ao som da lira ou de outro instrumento musical.

Sendo a poesia a expressão de sentimentos e emoções, quando associada a sons musicais, a palavra adquire outra significação ou releva o seu conteúdo semântico. Por isso, poetavam, cantando, os imperadores de Roma e os banqueteadores da Antiga Grécia.

Por isso mesmo, trovadores eram poetas e músicos simultaneamente e jograis e menestréis faziam-se acompanhar, sempre, de tocadores porque a poesia era cantada e não recitada. E ainda hoje, a palavra é substituída por sons musicais no *Refrão* de muitos cânticos.

No género histórico - a lendária narrativa de façanhas heróicas que dá pela designação de *Canção de Gesta*, com ou sem notação musical, seguiu os passos da lírica, consistisse o canto, embora, numa simples melopeia. Do mesmo modo, a magoada *Balada Europeia*, narrativa de assunto fantástico, sobrenatural, acompanhada de música, destinava a ser cantado e ballada. A esta corresponde na Península Ibérica, durante a Idade Média, o Rimance ou Romance.

Breves poemas épicos, transmitidos por via oral, os temas dos Rimances vivem em constante reelaboração, graças ao impulso interior do poeta - cantor. Ao mesmo tempo que o poeta dá asas à sua imaginação e se apropria de um texto anónimo que altera a seu belo prazer, o romance manifesta, à superfície, o esforço do artista por manter a herança legada. Resulta daquilo que o texto tem uma vida precária, um tecido fluido e cada versão a sua singularidade. Um tema terá, assim, não

uma mas múltiplas versões, tantas quanto mais popularizado e divulgado for.

O povo, fatalista e fadista, desprezou primeiro e repudiou, depois, o romance pastoril porque sendo, essencialmente, romanesco, de temática amorosa não se enquadrava na sua vida quotidiana por falta de conteúdo ideológico. A corte, a quem agradou, inicialmente, protegeu-o, é certo mas abandonou-o posteriormente. Reganhou o público quando se refugiou na facécia, no gracejo, no burlesco. Não morreu porque tinha força íntima para sobreviver.

Sobrevive na tradição literária: a obra de Gil Vicente é um documento de vários Romance em voga e Dom Duardos uma recriação do romance novelesco amoroso; no século XV, Nuno Pereira assinala a expansão e tratamento do tema a *mal-mariada*; os autores do Cancioneiro Geral aludem, frequentemente a diversos romances cantados à viola ou contados durante os trabalhos do campo; os historiadores referem que são citados nas conversas e estão presentes na vida social como adágios salomônicos. Mas é preciso chegar ao século XIX, à primeira geração romântica, para A. Garret concitar o nosso respeito pelo trabalho de recolha do nosso Romanceiro. Transmítido oralmente, texto não fixado, o romance é um tesouro inesgotável de amostras variadas, muitas delas salvas da morte ou do esquecimento, graças a um colector de bom gosto. Difundidos por poetas letrados, de boca em boca dispersos em raros manuscritos ou em qualquer livro, o Romance é um tesouro, uma riqueza nacional que ainda não foi completamente apurada, como merece, e é necessário que aconteça, antes que desapareçam os últimos contadores de histórias.

É nosso dever trazer a lume, publicar e sancionar, como diria A. Garrett, a literatura primitiva que um povo rude concebeu e nos ensinou; cabe à presente geração popularizar documentos antigos da nossa literatura a fim de a nacionalizar; cumpre-nos transmitir, para além do tempo presente, a tradição que o Povo - Povo (a expressão é de A. Garret) guarda na memória; é necessário recuperar lendas, romances, adágios, costumes, fixar versões, reunir variantes porque isso é sinal de amarmos o Povo que somos; urge criar uma autêntica cultura nacional e regional, descobrir a história.

Restituir uma ingénua lenda popular ou a história de uma *Santa* que à brutal paixão foi sacrificada, é defender o património nacional que, desde tempos imemoriais, a memória colectiva perpetua. Canção ou Romance, dotado de roupagem antiquíssima que a rudeza dos nossos antepassados lhe vestiu, é uma beleza sempre nova e sempre velha.

Porque é património nacional é perdurável; porque é autêntico e original tem garantida a perpetuidade. Revelar os nossos figurinos, os nossos tipos, é identificarmo-nos. Falar de liberdade do povo é pôr lei no lugar do despotismo. (E a lei há-de vir de dentro, - das nossas recordações e crenças). Defender a nossa propriedade nacional é oferecer aos jovens talentos o melhor ouro. Restaurar a nossa Arte, a nossa Cultura, a

nossa Civilização que edificaram a nossa sociedade ao longo de séculos, tão distintas das clássicas, grega ou romana, tão diversa de outras europeias, americanas ou asiáticas, condensada na nossa ARTE POÉTICA, é encontrar o espírito do verdadeiro português.

Se os princípios que regeram a nossa sociedade primitiva são hoje indigestos; se o espírito de cruzada transviou espíritos ou incendiou paixões; se os nossos heróis careciam de senso comum, não esqueçamos que a sociedade, as civilizações são dinâmicas.

Se a mulher esconjurada e escrava se transformou, posteriormente, em deusa, recorde-se que para isso contribuiu a teoria do amor cortês; se bárbaros cavaleiros foram humanizados, senhores feudais amansados e as desigualdades foram mitigadas, lembremos que foi graças à maior valia do talento que rivalizou com o senhor todo - poderoso.

Se a história se fez romance foi porque o real se tornou maravilhoso, porque o trabalho se tornou Poesia.

A atracção do nosso povo pelo romance está fundada na condição de povo hispânico ou ibérico. Tal como os judeus sefardins, após o êxodo buscam a sua identidade numa língua e num ritual comuns assim o nosso povo se identifica na língua e na raça.

2. - SILVANINHA

Dêmos a palavra a quem é reconhecida autoridade.

" A rudeza da linguagem, a descompostura do estilo, e a nudez, posto que inocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da " *Silvaninha* " por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo imemorial, na nossa península. Não dei com ele em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano, mas não há província de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante ...

O assunto deste romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram os poetas nas primitivas idades das nações. O coração áspero e cru, os sentimentos duros dos povos semi - bárbaros precisam desses violentos estímulos para vibrar - diz Sir Walter Scott - o espírito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tão asquerosos meios de excitar o interesse.

Quanto se pode julgar de uma coisa tão desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que esta singela rapsódia popular é anterior ou, se contemporânea, estranha à polida e estudada literatura provençal do século XIII.

O pensamento, o fundo das ideias, o primeiro desenho e, quando muito o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar nestes esboços antigos, tantas vezes pintados e repintados por pincéis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobretudo empenhados sempre em modernizar, pôr à

moda e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro só porque era simples e original ". (1)

Eis a versão fixada por A. Garrett, baseada no reconto de uma criada, originária do Minho, e retocada, como era seu hábito, com a ajuda de versões da Beira e do Ribatejo:

Passeava-se a Silvana
Pelo corredor acima;
Viola de oiro levava,
Oh! que tão bem a tangia!
E se ela bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a acometia.
- "Atreves-te tu, Silvana,
Uma noite a seres minha?"
- "Fora uma, fora duas,
Fora, meu pai, cada dia;
Ma'las penas do inferno
Quem por mim las penaria?"
- "Pená-las-ei eu, Silvana,
Que las peno cada dia. "

Foi-se dali a Silvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida:
- "Que tens tu, minha Silvana,
Que tens tu, ó filha minha? "

- "Oh! quem tal pai não tivera,
Quem não fora sua filha!
Que me acomete de amores,
Ó minha mãe, cada dia. "
- "Vai, filha, vai para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de oiro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-ás no meu leito,
Eu no teu me deitaria ...
E há-de valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa Maria. "

Lá junto da meia noite
Seu padre que a acometia ...
- "Se eu soubera, Silvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria... "
- "Esta não é a Silvana,

(1) - Almeida Garrett, *Romanceiro II*, ed. Estampa, Lisboa, pág. 143 e sg.

É a mãe que a parla;
Também pariu Dom Alardos,
Senhor da cavalaria,
Também pariu a Dom Pedro,
Príncipe da infantaria
Também pariu a Silvana
Que seu pai acometia. "
- "Oh! mal haja que haja a filha
Que seu padre descobria! "
- "Oh! mal haja que haja o padre
Que sua filha cometia! "
Manda-a meter numa torre
Que nem sol nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça
E a água por medida.
Ao cabo de sete anos
Vais a torre que se abria ...

Assomou-se a Silvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com su madre
Lavrando numa almofada:
- "Estejais embora, madre,
Ó madre já da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro de água;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma. "
- "Dera-te eu, minha filha,
Se a tivera salgada,
Que há sete para oito anos
Que por ti sou mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te desse água
Tinha a cabeça cortada! "
Assomou-se a Silvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar cos irmãos
Que estavam jogando as canas:
- "Estejais embora, irmãos,
Meus irmãos da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro de água,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma! "
"-Dera-ta eu, irmã minha,
Se a tivera empeçonhada:
Que o nosso pai tem jurado

Pela cruz da sua espada [,]
Quem primeiro te desse água
Tinha a cabeça cortada. "

Assomou-se a Silvana
 A outra ventana mais alta,
 Foi-se encontrar com su padre
 A jogar a embocada:
 - "Estejais embora, padre,
 Padre meu já da minha alma:
 Peço-vos por Deus do céu
 Que me deis um jarro de água,
 Que se me aparta a vida,
 Que se me arranca a alma ...
 E de hoje por diante
 Serel vossa namorada. "
 - "Alevantem-se, meus pajens,
 Criados da minha casa,
 Uns venham com jarros de oiro,
 Outros com jarros de prata:
 O primeiro que chegar
 Tem a comenda ganhada,
 O segundo que chegar
 Tem a cabeça cortada. "
 Os criados que chegavam,
 Silvaninha que finava
 Nos braços da Virgem santa,
 Dos anjos amortalhada!
 [- "] Vai-te embora, Silvaninha,
 Silvaninha da minha alma:
 Tua alma vai para o céu
 A minha fica culpada. ["] ⁽²⁾

" O estilo, as palavras, a forma toda exterior destes romances parecerá muitas vezes, à primeira vista, de um século, e desse é na verdade, porque nele foi refeito já na sexta ou sétima tradução oral; quando originalmente foi composto outros tantos séculos antes ". ⁽³⁾

A. Garrett elogia a tradição oral das Beiras destacando nelas tanto a fidelidade aos motivos poéticos como a tensão poética das mesmas variações e bem assim os laços que unem a nossa memória regional ao testemunho além fronteiras: Galiza, Leão, Castela e Astúrias.

Não serão estas as variantes mais notáveis mas, entre as quase infinitas versões, aqui deixamos, em primeiro lugar, a do eminente etnólogo J. L. de Vasconcelos.

SILVANA ⁽⁴⁾

Indo a D. Silvana - pelo corredor acima,
 Tocando cravo d'ouro, - muito bem que o tangia,
 Acordou seu pai e mãe - com o estrondo que fazia.

(2) - A. Garret, ob. cit.

(3) - A. Garret, ob. cit.

(4) - J. Leite de Vasconcelos, *Romanceiro II Português*, Acta Universitatis Conimbrigenis, 1960

- Tu que tens, D. Silvana, - tu que tens, ó filha minha?
 - Eu, senhor pai, não choro, - se chorasse, razão tinha:
 Sete manas que nós éramos, - todas sete casaríamos,
 Eu, por ser a mais formosa, - para o canto ficaria.
 - Não tenho com quem te case, - nem com quem te casaria;
 Só se for o conde Alberto: - é casado, tem família.
 - Mande-o chamar, meu pai, - da sua parte e da minha.
 - Aqui estou, real senhor, - real senhor, que me queria?
 - Quero que mates condessa, - p'ra casar com minha filha.
 - A condessa não na mato, - qu'ela a morte não merecia.
 - Mata, conde, mata, conde, - antes que te tire a vida,
 Traz-me a sua cabeça - nesta tão nobre bacía.
 Vai o conde para casa - muito triste, à maravilha;
 Mandou render suas guardas - à hora do meio - dia,
 Mandou fechar o seu palácio, - cousa que nunca fazia,
 Mandou vestir seus criados - de preto, à maravilha,
 Mandou pôr a sua mesa - para fazer que comia;
 As bagadas eram tantas - que pela mesa corriam;
 Os suspiros eram tantos - que até palácio tremia.
 - Tu que tens, conde Alberto, - tu que tens, ó vida minha?
 Conta-me as tuas tristezas, - que eu te conto alegrias.
 - Ai, como tas eu contara! - Ai, como tas contaria!
 Mandou el-rei que te mate, - dentro duma ave - maria,
 Que levasse a cabeça - nesta maldita bacía.
 - Escuta, conde, escuta, conde, - que isso remédio teria!
 Atarás-me àquele monte, - de bichos serei comida.
 - Não te vale isso, condessa, - não te vale isso, *mi* vida!
 Mandou el-rei que te mate - dentro duma ave - maria
 E que levasse a cabeça - nesta maldita bacía.
 - Escuta, conde, escuta, conde, - que isso remédio teria:
 Meteras-me naquele convento - por freirinha recolhida:
 Daras-me o pão por onças - e a água por medida;
 Daras-me carne salgada - para me arrancar a vida.
 - Não te vale isso, condessa, - não te vale, ó vida minha!
 Mandou el - rei que te mate - dentro de uma ave - maria,
 Que lhe levasse a cabeça - nesta maldita bacía.
 - Vou-me dar a despedida - da sala para a cozinha:
 Adeus, aias, adeus, moças, - a quem eu tanto queria;
 Adeus, jardim das flores, - onde eu me divertia;
 Adeus, varanda do sol, - espelho onde eu me via.
 Mama, mama, meu menino, - este leite de paixão,
 Que amanhã por estas horas - está tua mãe no caixão.
 Mama, mama, meu menino, - este leite de pesar,
 Que amanhã por estas horas - vai a tua mãe a enterrar.
 Mama, mama, meu menino, - este leite d'amargura,
 Amanhã por estas horas, - tua mãe na sepultura.
 Mama, mama, meu menino, - este leite da condessa,
 Amanhã por estas horas - mamarás o da princesa.
 Tocam os sinos do paço, - ai Jesus, quem morreria?
 Morreu a D. Silvana, - irmã de D. Maria:
 Descasar os bem casados, - cousa que Deus não queria.

O cotejo das duas versões evidencia, de imediato, a

diferença temática: a versão de Garrett desenvolve o tema do INCESTO procurado, segundo a confiança da filha para a mãe:

" Oh! quem tal pai não tivera,
Quem não fora sua filha!
Que me acomete de amores,
O minha mãe, cada dia ! "

O CONJUGICÍDIO frustado é o assunto da variante de J. Leite de Vasconcelos:

" Não tenho com quem te case, - nem com quem te casaria;
Só se for o conde Alberto: - é casado, tem família.

.....
Quero que mates condessa - P'ra casar com minha filha. "

Frustados, porque a intenção do romance é moralizadora:

" Os criados que chegavam,
Silvaninha que finava
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada! " - (segundo a primeira
versão)

Rendida pela fome e pela sede está disposta a entregar-se ao pai ao cabo de sete anos de sofrimento. A sua morte providencial vai evitar o hediondo crime:

" Silvaninha da minha alma:
Tua alma vai para o céu
A minha fica culpada "- confessa o pai!

O herói atingiu o absoluto, transcendeu as suas forças mas o ideal parece que vai ceder, aqui e agora, perante a morte iminente. É, então o momento de o sobrenatural suprir as forças do herói. Para exaltar a tenacidade de Silvaninha pusilânime, momentaneamente, é necessário um Dom Quixote que leve a bom termo a fraqueza de Sancho. A morte intervém para impedir que o herói se degrade.

Diferente o texto de Leite Vasconcelos: o conde é o tipo de homem perfeito, o cortesão honrado (l'honnête homme) nas suas relações sociais e, moralmente, elegante a quem um toque de providencialismo religioso evita sossobrar e Silvana, o malvado castigado.

Dois heróis: aqui é o conde; além é a Silvaninha, justamente vingada.

Se outros elementos não houvesse, bastaria a diferença de conceito de HERÓI dos textos em análise para que atribuíssemos maior antiguidade ao primeiro texto sobre o segundo.

Passemos a outras duas variantes regionais do Distrito da Guarda.

D. SILVANA (5)

Levantou-se D. Silvana
Pelo corredor acima
Tocando uma guitarra
No melhor toque que havia;
Acordou seu pai da cama
Com o estrondo que fazia

- Que tens tu Silvana?
- Que tens tu, ô minha filha?
- De sete manas que tenho,
São casadas e têm família! ...
Eu, por ser a mais nova,
Também casada me queria.
- Está o conde na Alemanha
E tem família.
- Mande-o chamar, meu pai
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
O conde à porta batia.

- Que quer, Sr. Rei?
Que quer V. Senhoria?
- Quero que mates condessa,
Para casares com minha filha.
- Eu condessa não mato,
Que ela morte não merecia.

- Traz-me aqui a cabeça,
Nesta doirada bacia
Mas não a troques por outra
Que eu bem a conhecia:
Tem dois sinais na cara
Que bem me parecia

O conde foi para casa
Muito triste, a chorar;
Mandou pôr jantar na mesa
E fazia que comia ...
Com as lágrimas dos olhos,
Até a mesa tremia.

- Que tens, meu bom conde?
Conta-me a tua agonia ...
- Eu, se fosse a contar,
Mil penas te causaria ...
Manda o rei que te mate
Para casar com sua filha ...

(5) - Versão recolhida por Germana Maria da F. Cardoso, aluna de E.S.E. da Guarda, na freguesia de Seixo Amarelo, concelho da Guarda, 1988

- Manda-me meter na torre,
Que não veja luz do dia
- Isso não faço, condessa,
Que logo o rei sabia ...
Mandou-me levar a cabeça
Nesta malvada bacía.
- Deixa-me dar um passeio
Da sala até à cozinha.
Adeus, criados e criadas
E espelhos onde eu me via! ...
- Deixa-me dar um passeio
Da sala até ao jardim.
Adeus cravos, adeus rosas
E flores do meu jardim! ...
- Chama-me lá os meus meninos
Que eu os quero educar
Para, quando vier outra mãe,
Lhe saberem falar.
- Mama, meu menino, mama
Este leite de amargura ...
Amanhã, por esta hora,
Já eu estou na sepultura.
- Mama, meu menino, mama
Este leite amargurado ...
Amanhã, por estas horas,
Já teu pai está casado ...
Tocam os sinos em Roma
- Ai, Jesus quem morrerria!
- Morreu o rei às dez horas,
Silvana ao melo - dia.
Queria apartar os bem casados
Coisa que Deus não queria.

D. SILVANA ⁽⁶⁾

- Indo D. Silvana
Pelo corredor acima
Tocando numa guitarra,
Muito bem a retenia.
- Seu pai que alto estava,
Em altas torres ouvia.
- Que é isso D. Silvana?
- Que é isso, filha minha?

(6) - Versão recolhida por Albertina Amaral de Sousa, aluna da E.S.E. da Guarda, na freguesia de Vinhó, concelho de Gouveia, 1988

- De sete manas que eu tinha,
Estão casadas, têm família.
Eu por ser a mais formosa
Também casada me queria.

- Não tenho com quem te casar,
Com tão nobre senhoria,
Só sendo o conde Albano,
Tá casado, tem família.

- Com esse, meu pai, com esse,
Com esse é que eu me queria;
Mande-o chamar, meu pai,
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
Conde à porta batia.
- Vossa Alteza que me quer,
Que me quer V. Senhoria?

- Quero que mates condessa
P'ra casares com Silvaninha.
- Eu condessa não a mato,
Que ela a morte não merecia.

- Mata conde, mata conde,
Não estejas com demasias,
E traz-me a cabeça dela
Nesta dourada bacia.

Não ma troques lá por outra
Que eu bem a conhecia;
Tinha três sinais na cara
Que muito bem lhe parecia.

O conde foi para casa,
Não comia, nem bebia;
Com o choro que fazia
Até a mesa tremia.

- Conta-me cá, meu marido,
Conta-me a tua agonia.
- Se eu ta fosse contar,
Mil penas te eu causaria.

- Quer causes, quer não,
Conta-me a tua agonia.
- Foi o Rei que me mandou chamar,
P'ra te matar, condessa,
P'ra casar com Silvaninha.

- Deixa-me dar um passeio
Da sala para o balcão.
Adeus vizinhos, adeus vizinhos,
Levo-vos no coração.

- Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cozinha.
Adeus criados, adeus criadas,
Adeus espelhos onde meu via.

Anda cá, meu filho, mais velho,
Que te quero ensinar,
Quando vier a mãe nova,
Para lhe saberes falar.

Seu bonêzinho na mão
Seu joelhinho no chão
Se assim não lhe fizeres,
Levareis um bofetão.

Anda cá, meu filho, do meio,
Que te quero ensinar,
Quando vier a mãe nova
Para lhe saberes falar.

Seu bonêzinho na mão,
Seu joelhinho no chão.
Se assim não lhe fizeres,
Levareis um bofetão.

Mama, mama meu menino.
Este leite delicado,
À manhã por esta hora.
Está meu corpo amortalhado.

Mama, mama meu menino.
Este leite de amargura.
À amanhã por esta hora.
Está meu corpo na sepultura.

Tocam os sinos na Sé,
Ai Jesus quem morreria.

- Foi o Rei, ó minha mãe,
Mais Rainha sua filha.
Queriam descasar os bens casados,
Foi coisa que Deus não queria.

Tarefa difícil se apresenta ao conde: para superar a força e o poder do agressor vem a própria esposa em auxílio do herói, herói que obedece, antes de tudo, à voz da consciência:

" A condessa não na mato, - que ela a morte não merecia "
(2ª. e 3ª. versões).

Só logrando sua Alteza!

" Ataras-me àquele monte, - de bichos serei comida ".

.....
" Meteras-me naquele convento-por freirinha recolhida " .
(2ª. versão)

" Manda-me meter na torre
Que não vejo a luz do dia " . (3ª. versão)

Impossível !

" Não te vale isso condessa, - não te vale, ó vida minha !
Manda el-rei que te mate-dentro de uma Ave-Maria,
Que lhe levasse a cabeça-nesta maldita bacia " . (2ª. versão)

" Não ma troques lá por outra
Que eu bem a conhecia:
Tinha três sinais na cara
Que muito bem lhe parecia " . (4ª. versão)

Qualquer das variantes apresentadas revela uma análise dos caracteres, como novelas sentimentais que são e uma visão realista da paixão de amor. As duas forças antagonicas desencadeiam um conflito cuja solução é imprevisível. Romanticamente, a versão de J. L. de Vasconcelos narra assim:

" Vai o conde para casa - muito triste, â maravilha;
Mandou render as suas guardas - â hora do meio dia,
Mandou fechar seu palácio, - cousa que nunca fazia,
Mandou vestir seus criados - de preto, â maravilha,
Mandou pôr a sua mesa - para fazer que comia;
As bagadas eram tantas - que pela mesa corriam;
Os suspiros eram tantos - que até palácio tremia. "

O tom dramático comum às narrativas, o som fatalista da guitarra (3ª. e 4ª. versões) pressagiam um desenlace como se segue:

" Tocam os sinos do Paço, - ai Jesus, quem morreria?
Morreu a D. Silvana, - irmã de D. Maria. " (2ª. versão)

ou

" Morreu o rei às dez horas,
Silvana ao meio - dia. " - (3ª. versão)

e

" Foi o rei, ó minha mãe,
Mais a rainha sua filha. " (4ª. versão)

Concluem os textos com a mesma lição:

" Descasar os bem casados, - cousa que Deus não queria "

3. - CONCLUSÕES

Este romance " feio e desnatural ", e o mais implantado na nossa tradição oral, revela características autóctones: +-um diálogo , esse processo mimético por excelência, entre mãe e filha, irmã e irmãos, filha e pai ou entre marido e esposa, comum a todas as versões.

+ - uma estrutura sintáctica narrativa idêntica, assim constituída:: uma breve introdução ao diálogo que desenvolve toda a acção, sem apresentação dos actores que são facilmente identificáveis no contexto, num esquema canónico: *desafio / acção / sanção*, tendo como suporte um herói positivo que defende valores morais e religiosos con-tra um anti - herói;

+ - um paralelismo ou identidade de perguntas e respostas que recorda as mais genuínas Cantigas de Amigo;

+ - um dramatismo crescente e trágico que o diálogo entre conde / condessa vai acentuando; um conflito em que os expedientes propostos pela esposa só vêm complicar a intriga face à senha proposta pelo rei;

+ - Finalmente, a intervenção do *maravilhoso* : " *Tocam os sinos* ". *Morreu o rei e Silvaninha* ... ou morre Silvana que é recebida pelos anjos, no céu ... "coroando, justamente, o herói e castigando o malvado";

Um tema comum, a luta entre o *poder* e o *amor* per-passa nas quatro versões apresentadas.

Tudo isto nos traz à mente um processo poético distintivo da Arte Poética Galaico - Portuguesa, refundido pelo narrador ao longo da tradição. Mas é, principalmente, pelo seu lirismo sentimental, predominante sobre o dramatismo, que nos revela a influência da *Balada Europeia*, nesta ou nestas novelas.

E concluirei com esta sentença de Jorge de Sena, que é simultaneamente um apelo e um aviso:

" ... estudar sistematicamente o Romanceliro português é a última oportunidade que a Portugal ainda resta de conhecer o seu próprio povo ignorado por séculos, antes de esse povo deixar de o ser na geral dissolução do *popular*, que é a fase que o mundo atravessa actualmente ".

Um apelo e um aviso, dignos de toda a reflexão.